

## Dorian Gray: um retrato que se fez espelho

*Roseane Torres de Madeiro*

Este artigo propõe um debate entre os textos "À guisa de introdução ao narcisismo"<sup>1</sup> de Freud e "O estágio do espelho como formador da função do eu"<sup>2</sup> de Lacan, por se entender que há entre ambos um ponto de encontro: a questão da constituição psíquica dos sujeitos.

Em seguida entrará em cena o personagem Dorian Gray, do escritor irlandês Oscar Wilde em "O retrato de Dorian Gray"<sup>3</sup>, que ilustra de forma significativa a questão da constituição do sujeito a partir do Outro, tal como proposta por Lacan. A aposta é de que um sujeito, ainda que embriagado por seu próprio narcisismo, não basta a si mesmo. Em termos freudianos, o aparelho psíquico não suporta um excesso de libido voltada apenas para o eu; é necessário endereçá-la ao Outro, estabelecer laço social. Passemos, então, aos textos em questão.

### **O narcisismo e o movimento libidinal**

Inicialmente Freud atribuiu ao narcisismo um importante lugar no desenvolvimento sexual, conceituando-o como um complemento libidinal, próprio da pulsão de autoconservação, o qual estaria presente em todo sujeito.

O que o levou a se ocupar da questão do narcisismo foi a *dementia praecox* (Kraepelin) ou esquizofrenia (Bleuler) a partir da ótica da teoria da libido, mais especificamente a partir de dois traços fundamentais dos ditos parafrênicos: o delírio de grandeza e o desligamento libidinal do mundo exterior. Se ambos, neuróticos e parafrênicos, suspendem seu vínculo erótico com as pessoas e as coisas, apenas os primeiros o conservam em sua fantasia.

Diante de tal distinção do movimento libidinal entre parafrênicos e neuróticos, Freud se perguntou sobre o destino da libido que foi retirada dos objetos na esquizofrenia. E respondeu: "a libido retirada do mundo exterior foi redirecionada ao Eu, dando origem a um comportamento que podemos chamar de narcisismo"<sup>4</sup>. Neste sentido, o delírio de grandeza próprio dos estados parafrênicos seria ilustrativo do movimento libidinal em que há um retorno da libido para o eu, às custas da libido objetal.

A hipótese de que, no caso dos parafrênicos, haveria uma retirada de libido dos objetos e um retorno desta para o próprio eu, implica que antes deste movimento, a libido tenha saído do eu em direção aos objetos, e retornado. Logo, tal suposição implica a distinção entre *narcisismo primário*, momento em que a libido sai do eu em direção aos objetos, e *narcisismo secundário*, momento em que ela retorna dos objetos ao eu.

Assim, podemos supor que originalmente o eu é investido de libido e que, posteriormente, uma parte dessa libido é investida nos objetos, porém, essencialmente a libido permanece retida no eu, tendência que visaria a autoconservação.

No entanto, ainda pela mesma via, o próprio Freud irá afirmar que o eu também precisa deslocar a libido em direção aos objetos, em busca de um equilíbrio de energia no aparelho psíquico, ou seja, da manutenção da homeostase.

É a partir desta constatação que Freud lançará outra importante questão: "por que a vida psíquica se vê forçada a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e a depositar a libido nos objetos?"<sup>5</sup>. Para ele, "esta necessidade entrará em cena quando o investimento de libido no Eu ultrapassar determinada quantidade"<sup>6</sup>.

Com isso, teremos uma oposição entre a libido do eu e a libido objetal, no sentido de que quanto mais uma se

eleva, mais a outra se esvazia, como por exemplo, no enamoramento em que se dá um desinvestimento libidinal no próprio eu em favor do investimento no objeto.

Guardemos esse raciocínio de Freud sobre o movimento libidinal e passemos ao outro texto em questão.

### **Espelho, espelho meu...**

O texto sobre o qual nos debruçaremos agora é "O estágio do espelho como formador da função do eu"<sup>7</sup> de Jacques Lacan, em que ele desenvolveu sua famosa teoria acerca da constituição do eu a partir da imagem especular advinda do Outro.

Lacan o inicia ressaltando o fato de que crianças de apenas seis meses - que ainda não conseguem manter a postura ereta nem o controle de sua marcha - chegam a reconhecer sua própria imagem refletida no espelho. Para ele, tal fato decorre menos de uma questão de estrutura ontológica, do que de dinamismo libidinal.

O autor estabelece uma relação entre o estágio do espelho e o processo de identificação, enfatizando a "transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem"<sup>8</sup>. Segundo Lacan, a função deste estágio é "estabelecer uma relação do organismo com sua realidade"<sup>9</sup>. Eis o que ele diz:

[...] o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o desenvolvimento mental<sup>10</sup>.

A experiência do espelho se dá na relação dual entre criança e Outro, em que o espelho poderia também ser representado pelo rosto e pelo olhar do Outro. A partir da imagem que o Outro lhe apresenta dela, a criança passa a

ter uma percepção de unidade corporal que não corresponde à sua vivência de um corpo despedaçado. Esta experiência da percepção pelo Outro de uma unidade corporal, dá à criança a possibilidade de reconhecer esta imagem integrada como sua. A identificação com esta imagem especular que o Outro lhe apresenta como a sua dá origem a formação do eu, e tem como pano de fundo a alienação do sujeito ao Outro.

Este estágio não se reduz a uma fase bem delimitada do desenvolvimento da criança, visto que fala essencialmente da relação libidinal estabelecida com a imagem do próprio corpo, assim como ilustra o conflito da relação dual característico do eixo imaginário<sup>11</sup>. Cabe ressaltar aqui a importância da relação dual e especular entre sujeito e Outro, na constituição psíquica dos sujeitos.

Passemos ao personagem em questão, Dorian Gray.

### **O "espelho" de Dorian Gray**

*O retrato de Dorian Gray* é um romance que conta a história de um jovem cuja beleza é destacada pelo autor: "não se poderia criar mais absoluto tipo de beleza"<sup>12</sup>. Uma beleza que causava a todos, tendo um grande valor, como se fosse uma fortuna.

Em sua história, havia algo trágico: último neto de Lorde Kelso, ele era filho de Margaret Devereux, uma bela moça que despertou o interesse de muitos homens, mas se casou com um rapaz sem vintém que morreu pouco depois do casamento. Havia rumores de que Lorde Kelso teria encomendado a morte do rapaz. Após este episódio, Lady Margaret nunca mais lhe dirigiu a palavra, vindo a falecer um ano depois. Ela lhe deixou um neto, Dorian, que após a morte do avô, herdou uma boa soma em dinheiro.

A história de Dorian começa com sua relação com o pintor Basil Hallward que mantinha uma idolatria artística por Dorian. No livro, é destacada a idolatria do pintor

Basil Hallward por Dorian, que o descreve como "a única pessoa que empresta à minha arte o encanto que ela pode possuir"<sup>13</sup>. O pintor propôs a Dorian fazer seu retrato, e Dorian, um adolescente natural e terno, aceitou posar.

Através de Basil, Dorian conheceu Lorde Henry Wotton, que o contemplava, elogiando sua beleza e mocidade. Quando o retrato de Dorian ficou pronto, tem início a sua tragédia. Vejamos a cena em que Dorian se depara com sua imagem no quadro:

O adolescente estremeceu, como despertado de algum sonho. [...] aproximou-se descuidosamente de seu retrato e pôs-lhe os olhos [...] Quando o viu, surpreendeu-se e o rosto se lhe coloriu um momento, de prazer. Um raio de alegria iluminou-lhe os olhos, porquanto ele se reconhecia pela primeira vez. Ficou algum tempo imóvel, admirando, e na dúvida se Hallward lhe falava, sem compreender a significação de suas palavras. O sentido de sua própria beleza surgiu-lhe como uma revelação. Até então, nunca a percebera. Os cumprimentos de Basil Hallward lhe haviam parecido simples exageros de graciosos de amizade. Ele os ouvira rindo e depressa os esquecera [...] seu caráter não experimentara a influência dessas frases. Chegara lorde Henry Wotton, com seu estranho panegírico da mocidade e a advertência terrível de sua brevidade. Ele havia sido tocado a propósito e, presentemente, em face da sombra de sua própria beleza, sentia a plena realidade expandir-se em si<sup>14</sup>.

Esta cena parece indicar que Dorian jamais se dera conta de sua beleza como nesse momento. Ele se olhava no quadro, tal como num espelho, que refletia uma unidade com a qual um sujeito só pode se deparar a partir de um Outro, encarnado neste caso pelos dizeres de Basil e de Henry que enalteciam sua beleza e mocidade.

A voz e o olhar do Outro, endereçados ao sujeito, o constituíram assim aprisionado ao seu narcisismo. Basil havia ensinado a Dorian a amar sua própria beleza. Henry, por sua vez, o fez idolatrar a filosofia dos prazeres da vida, como podemos depreender desta fala de Dorian: "Tu me encheste do ardente desejo de tudo saber da vida"<sup>15</sup>; Henry

tinha "prazer em brincar com o egoísmo inconsciente do adolescente"<sup>16</sup>.

Em diversos momentos do romance, Wilde faz referência especial à relação entre Dorian e Henry, e à forte influência que ele exercia sobre Dorian, como aparece nesta cena:

Ele percebeu que os olhos de Dorian Gray nele se fixavam, e a consciência de que no meio do seu auditório havia um ente que ele queria fascinar parecia aguçá-lo o espírito e emprestar maior colorido à sua imaginação. Lorde Henry esteve brilhante, fantástico, inspirado. Encantou os seus próprios ouvintes, que escutaram até o fim essa alegre ária de flauta. Dorian Gray não tirava os olhos de cima, como sob um feitiço, os sorrisos emendavam-se-lhe nos lábios e o espanto agravava-se nos seus olhos sombrios<sup>17</sup>.

Ou como neste diálogo: "durante toda a tua vida, de hoje em diante, tu me referirás o que fizeres"<sup>18</sup> - disse Lorde Henry. "Sim, Henry, creio que isso é verdade. Não posso deixar de dizer-te tudo. Exerces uma singular influência sobre mim"<sup>19</sup>, respondeu Dorian.

É, portanto, a partir do Outro que Dorian se constituiu assim, aprisionado à sua própria imagem especular. Destaco ainda o momento em que Dorian põe em jogo sua alma, afim de não perder sua beleza e mocidade.

Que coisa profundamente triste - murmurava Dorian - os olhos fixos no retrato - Sim, profundamente triste![...] Eu ficarei velho, aniquilado, hediondo![...] Esta pintura continuará sempre fresca. Nunca será vista mais velha do que hoje, neste dia de junho [...] Ah! Se fosse possível mudar os destinos; se fosse eu quem devesse conservar-me novo e se essa pintura pudesse envelhecer! Por isto eu daria tudo![...] Não há no mundo que eu não desse. Até minha alma! [...] Tenho ciúmes do meu retrato![...] Por que deverá ele conservar o que eu hei de perder? Cada momento que se escoa leva-me qualquer coisa e embeleza essa figura. Oh! Se pudéssemos mudar! Se esse retrato pudesse envelhecer! Se eu pudesse conservar-me tal como sou!<sup>20</sup>.

Após ter trocado sua alma em favor de seu próprio narcisismo, uma mudança considerável se deu em Dorian: de

um adolescente tímido e amedrontado, natural, simples e terno, que posava no ateliê de Basil, ele se torna um lorde narcisista, aparentemente indiferente às emoções, que desfrutando dos prazeres mundanos sem obedecer a qualquer lei. O que Dorian não esperava era ver sua imagem se modificar diante de seus próprios olhos, ver naquele quadro o espelho de sua alma. Eis o momento em que se depara com a primeira mudança no quadro.

Como ele abrisse o trinco da porta, seus olhares recaíram sobre o retrato pintado por Basil Hallward - o que o fez estremecer de surpresa! [...] Penetrou no dormitório, vagamente sobressaltado [...] Depois de desabotar o primeiro botão do casaco, pareceu hesitar; finalmente, voltou sobre os próprios passos, parou em frente ao retrato e examinou-o [...] Sob o bocado de luz, que atravessava as cortinas de seda creme, a face lhe pareceu um pouco mudada [...] A expressão revelava-se diferente<sup>21</sup>.

Wilde relaciona inclusive a imagem envelhecida e feia que surge no quadro, às maldades da alma e aos pecados de Dorian, portanto à consciência moral: "o retrato, mudado ou não, representaria o visível emblema de sua consciência"<sup>22</sup>; [...] "o que os vermes são para um cadáver, seus pecados seriam para a imagem pintada nessa tela"<sup>23</sup>.

Importante ressaltar que Wilde - ao descrever uma época em que os valores morais e religiosos tinham grande peso, em que o pecado e a virtude eram enaltecidos - ironiza estes valores, dizendo que riqueza de Dorian fazia com que seus atos imorais tivessem passado despercebidos por muito tempo.

Teve na sua grande fortuna um elemento de segurança. A sociedade ultracivilizada, pelo menos, dificilmente crê ou admite a maldade dos que são ricos e belos. Ela concebe instintivamente que as aparências são de muito maior importância que a moral, e a seus olhos, o mais puro exemplo de respeitabilidade é de muito menor valor que a posse de um bom chefe<sup>24</sup>.

No final da romance, Dorian parece querer modificar-se, como se não suportasse mais seu excessivo narcisismo e

o preço que pagara por ele: os anos se passaram e ele ficara só. Dorian diz: "eu quisera amar! [...] Parece-me, porém, que perdi a paixão e esqueci o desejo. Estou muito concentrado em mim mesmo. A minha personalidade já me é um fardo e preciso evadir-me, viajar, esquecer"<sup>25</sup>. Seu desencanto por si mesmo aparece neste trecho:

Subitamente, sentiu aversão por sua beleza e, atirando o espelho ao chão, esmagou os estilhaços com os pés! [...] Era a sua beleza que o havia perdido, essa beleza unida a essa mocidade, pelas quais ele tanto havia rogado. [...] A beleza só lhe fora uma máscara, e a mocidade uma burla<sup>26</sup>.

### **Considerações finais**

O personagem de Wilde parece ilustrar a questão da constituição do sujeito a partir do significante vindo do Outro, tal como Lacan afirmou. No caso de Dorian, os significantes que o deixaram aprisionados ao desejo do Outro, possivelmente encarnado por Basil e Lord Henry, referiam-se à sua beleza e mocidade.

Dorian, ao trocar sua alma em favor da manutenção de seu narcisismo, permaneceu por muito tempo deslumbrado com tamanha imortalidade. Até o momento em que a tela que refletia sua real aparência, envelhecido pelo passar do tempo, o tomou de súbito horror.

Wilde insiste em atribuir a este retrato um sentido de consciência moral, incluindo na figura envelhecida de Dorian, marcas que denunciavam seus atos de maldade para com os outros e a troca do laço social em prol de seu próprio narcisismo. Contudo, chegou o momento em que Dorian não suportava mais sua própria imagem bela e jovial.

Pois, tal como Freud desenvolvera em sua teoria da libido, embora tenhamos um sujeito embriagado em seu próprio narcisismo, este não pode bastar a si mesmo. Ou seja, o aparelho psíquico não suporta um excesso de libido voltada apenas para o eu, é necessário endereçá-la ao Outro. Assim entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o

Outro, há um movimento de endereçamento libidinal que parece de muita relevância no que diz respeito ao funcionamento psíquico. E desse modo um espelho só pode refletir aquilo que se é a partir do desejo do Outro.

---

<sup>1</sup> FREUD, S. (2004[1914]). "À guisa de introdução ao narcisismo". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora.

<sup>2</sup> LACAN, J. (1998[1949]). "O estádio do espelho como formador da função do Eu". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>3</sup> WILDE, O. (2009[1891]). "O retrato de Dorian Gray". São Paulo: Hedra.

<sup>4</sup> FREUD, S. (2004[1914]). Op. cit., p. 98.

<sup>5</sup> Idem. Ibid., p. 105.

<sup>6</sup> Idem. Ibidem.

<sup>7</sup> LACAN, J. (1998[1949]). Op. cit.

<sup>8</sup> Idem. Ibid., p. 97.

<sup>9</sup> Idem. Ibid., p. 100.

<sup>10</sup> Idem. Ibidem.

<sup>11</sup> GRECO, M. (2011). "Os espelhos de Lacan". In: *Opção Lacaniana online nova série, n.6. Disponível em: [www.opcaolacanianana.com.br](http://www.opcaolacanianana.com.br)*.

<sup>12</sup> WILDE, O. (2009[1891]). Op.cit., p. 63.

<sup>13</sup> Idem. Ibidem., p. 42.

<sup>14</sup> Idem. Ibid., p. 52.

<sup>15</sup> Idem. Ibid., p. 75.

<sup>16</sup> Idem. Ibid., p. 127.

<sup>17</sup> Idem. Ibid., p. 69.

<sup>18</sup> Idem. Ibid., p. 78.

<sup>19</sup> Idem. Ibidem.

<sup>20</sup> WILDE, O. (2009[1891]). Op.cit., p. 54.

<sup>21</sup> Idem. Ibid., p. 116.

<sup>22</sup> Idem. Ibid., p. 118.

<sup>23</sup> Idem. Ibid., p. 145.

<sup>24</sup> Idem. Ibid., p. 168.

<sup>25</sup> Idem. Ibid., p. 229.

<sup>26</sup> Idem. Ibid., p. 244-245.